

OFICINA DE EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE COM ADOLESCENTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Sabrina Satie Hirozawa
sabrinasatie@yahoo.com.br

Vera Lúcia Bahl de Oliveira
verabahl@sercomtel.com.br

Anderson dos Santos de Santana
anderson01santana@hotmail.com
Universidade Estadual de Londrina/UEL – PIBID

RESUMO:

O objetivo deste trabalho foi descrever uma das atividades de professores em formação inicial participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência - Biologia, durante a realização de oficinas sobre educação para sexualidade com alunos do ensino médio. Foram realizadas várias atividades oferecendo aos estudantes a oportunidade de discutir e esclarecer dúvidas sobre sexualidade, focando questões de anatomia e fisiologia humana, métodos anticoncepcionais e DST. A metodologia desenvolvida primou por aplicar dinâmicas que rompessem o modelo tradicional de ensino para um ensino-aprendizagem motivador. Os alunos demonstraram grande interesse durante as atividades e foram muito participativos. A oficina permitiu aos adolescentes a reflexão sobre a vivência de uma sexualidade saudável.

Palavras-chave: DST. Educação em saúde. Adolescência

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma etapa fundamental no processo de crescimento e desenvolvimento humano, marcada por modificações físicas e comportamentais influenciadas por fatores socioculturais e familiares (SOARES et al., 2008).

A sexualidade é elemento constitutivo do adolescente, já que é um atributo inerente ao ser humano, que se manifesta independentemente de qualquer ensinamento; ela representa a forma como o indivíduo se comporta, pensa ou age. Faz parte da construção e expressão da personalidade do indivíduo. Resulta da integração dos componentes biológico, psicológico, social e cultural (SOUSA; CAMURÇA, 2009).

Segundo Osório (1992) na adolescência aparece à maioria das dúvidas sobre sexualidade por se tratar de um período onde está sendo

finalizada a personalidade do indivíduo e é também nesse momento que a sexualidade se encaixa principalmente como fator estruturador da identidade do jovem. Nesse sentido, as modificações no comportamento que ocorrem no adolescente podem interferir no processo natural do seu desenvolvimento, fazendo com que ele sinta necessidade de experimentar comportamentos que os deixam mais vulneráveis a riscos para a sua saúde, inclusive no aspecto da sexualidade (SOUZA et al, 2007). Dessa forma, é necessário estabelecer limites e orientar o processo investigativo, para que ele seja feito de forma segura e sem prejuízos para saúde (SEIXAS, 1999).

Esse é um período que exige muita atenção por parte dos pais, profissionais de saúde e da escola, pois muitas vezes, os jovens não têm consciência dos problemas que uma relação sexual 'inconsequente' pode acarretar. Isso pode ser comprovado pelo aumento do número de casos de gravidez indesejada entre os adolescentes, além do aumento no número de jovens infectados por alguma DST (doença sexualmente transmissível). Assim, é clara a necessidade de abordar esse tema com os adolescentes, no sentido de assegurar a estes, a vivência responsável da sexualidade.

Segundo Vitiello (1995) educar significa formar alguém, proporcionando condições para que este cresça consciente e responsável pelos seus atos. A Educação para Sexualidade é uma importante ferramenta para subsidiar discussões sobre as práticas e comportamentos dos jovens em relação aos riscos que envolvem a atividade sexual, além de promover a prevenção de problemas futuros e proporcionar o conhecimento sobre o próprio corpo. Entretanto, a educação sexual não tem como finalidade apenas informar, mas, também, desenvolver as habilidades necessárias à utilização dessas informações para o exercício saudável de tudo que se relaciona ao corpo (FIGUEIRÓ, 2009).

A educação para saúde deve proporcionar o desenvolvimento de um pensar crítico e reflexivo, permitindo desvelar a realidade e propor ações transformadoras, enquanto sujeito histórico e social capaz de propor e opinar nas decisões de saúde para o cuidar de si, de sua família e da coletividade (MACHADO et al. 2007)

O Ministério da Educação, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) inclui a orientação sexual entre os temas

transversais nas diversas áreas do conhecimento, com finalidade de impregnar toda a prática educativa com questões da orientação sexual (BRASIL, 1997). Portanto, a escola possui a função de desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa que promova a saúde dos adolescentes (ALTMANN, 2001).

[...] o aluno muitas vezes chega à escola trazendo dentro de si informações distorcidas, dúvidas e ansiedades, crendices e preconceitos que lhe dão uma visão negativa em relação ao sexo. E é essa escola que pode oferecer a ele o espaço necessário para refletir sobre seus valores e conflitos, para adquirir conhecimento de questões sexuais e poder expressar sua angústia, seu medo ou culpa. A construção de uma sexualidade a partir da educação sexual recebida da família, assim como a influência dos meios de comunicação, dos amigos, das leituras que faz, é que determina a necessidade do jovem e em que grau a ação educativa na escola irá ajudá-lo a viver plenamente sua sexualidade (REIS e RIBEIRO, 2002).

As instituições sociais são marcadas pela sexualidade, mas na escola ela se manifesta de forma intensa, por isso, caracteriza-se como um espaço privilegiado para discutir o tema. Todas as temáticas abordadas pela sexualidade encontram-se nela, seja nas conversas entre estudantes, nas pichações dos banheiros, nas brincadeiras e gozações ou nos namoros; não obstante também estão presentes nas salas de aula, de forma aberta ou não, e no comportamento das professoras, dos professores e alunos (LOURO, 1997).

O conhecimento sobre e para o indivíduo necessita ser construído num ambiente que privilegie o diálogo com oportunidades de questionar e analisar situações. No Brasil a implementação das primeiras falas sobre sexualidade nos currículos escolares, em 1920 foi marcada por momentos de avanços intercalados de momentos de recuos. A situação não se modificou muito neste contexto contemporâneo. O desafio do professor ao trabalhar o tema na escola, exige que este considere inicialmente as concepções dos alunos, e que este se sinta seguro e preparado para desenvolver as atividades relativas à sexualidade (OLIVEIRA, 2009).

A justificativa para uma instituição de ensino trabalhar este tema é a preocupação em informar o aluno sobre assuntos que o angustiam e despertam curiosidades, sobre a necessidade que o adolescente tem de falar sobre suas emoções, dúvidas, conflitos, de discutir assuntos considerados difíceis de serem abordados pelos pais, de quebrar barreiras e tabus sobre a sexualidade (aquilo que é considerado “sujo”, “pornográfico”, “pecado”,

“folclore”), bloqueios que, por vezes, interferem na aprendizagem (MAISTRO, 2009). Contudo, embora haja um consenso entre os estudiosos sobre a necessidade de se promover a discussão de questões referentes à sexualidade, na prática, educadores e pais ainda parecem apresentar dificuldades em abordar o tema com os jovens (ALENCAR, 2008).

Diante disso, a existência de projetos que possam desenvolver o tema na escola, como no PIBID, verifica-se a importância deste para auxiliar os alunos, as escolas e assim, contribuir na qualidade do ensino. Dessa forma, o objetivo do presente estudo foi descrever a experiência de aplicação de oficinas sobre educação para sexualidade, visando atender adolescentes de duas escolas, com foco em questões sobre Sexualidade Humana e DST.

MATERIAL E MÉTODOS

O projeto PIBID – Biologia tem como proposta oferecer atividades diferenciadas para romper o tradicional modelo de ensino existente hoje na maioria das escolas, assim, o modelo pedagógico adotado para realização das oficinas fundamentou-se na metodologia participativa, baseada em aula expositiva dialogada com esclarecimentos de dúvidas, exposição de vídeos e realização de dinâmicas.

Foram realizadas três oficinas, com grupos de alunos de diferentes turmas. Cada oficina teve a duração total de quatro horas; todas foram realizadas no horário escolar. As observações dos professores referentes às oficinas permitiram observar as ações/reações e as emoções dos adolescentes expressas pelas manifestações verbais, pelo tom de voz, pela expressão facial e pelo vínculo estabelecido entre os alunos e os professores em formação.

Os conteúdos abordados nas oficinas foram: transformação na puberdade, anatomia e fisiologia do sistema reprodutor masculino e feminino, doenças sexualmente transmissíveis e prevenção, métodos anticoncepcionais.

Dinâmica: o semáforo

Esta dinâmica foi realizada com o intuito de identificar os questionamentos dos adolescentes relacionados à sexualidade e DST, uma

vez que, de acordo com Lourencini Júnior (1997), as questões a serem abordadas em relação à sexualidade devem surgir do interesse e do cotidiano dos jovens.

Materiais: sala ampla e confortável, papel-sulfite, canetas, 3 círculos de papel cartão nas cores vermelha, amarela e verde.

Metodologia: os estudantes colocaram as suas perguntas em círculos ou "sinais do semáforo", dependendo do grau de dificuldade que sentiram ao debater sobre os temas. O sinal vermelho representa muita dificuldade sobre o assunto, o amarelo representa dificuldade média e o verde significa pouca dificuldade.

Dinâmica: festa dos fluidos corporais

Esta dinâmica com objetivo de conscientizar os estudantes sobre a importância do sexo seguro pode ser desenvolvida antes de abordar o tema relacionado a enfermidades sexualmente transmissíveis. Foram utilizados copos descartáveis que simularam o corpo dos estudantes. Alguns copos foram preenchidos até à metade com água tônica e outros copos apenas com água. A água tônica possui uma substância chamada de quinino que reage em contato com a luz negra, o que causa o escurecimento da água. O número de copos com água tônica foi menor que o número de copos com água, para mostrar aos estudantes como poucas pessoas infectadas podem transmitir as doenças para muitas outras. Foi colocada uma música para simular uma festa e os estudantes trocaram o conteúdo dos copinhos (a troca dos copos simula a relação sexual desprotegida com troca de parceiros). Depois que todos estudantes trocaram o conteúdo dos copos uns com os outros, todos vão estar infectados, pois como foi dito, os copos com água tônica possuem quinino, uma substância que fica escurecida quando se incide luz negra (a luz negra é a reveladora de DST ou atualmente IST).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os alunos mostraram grande interesse e foram muito participativos durante a realização das oficinas. Isso foi comprovado pela postura adotada pelos alunos durante as oficinas, além dos comentários das

professoras das escolas que assistiram as oficinas e disseram que ficaram surpresas pela participação intensa dos alunos durante o desenvolvimento das atividades. Os questionamentos que mais apareceram na dinâmica do semáforo foram relacionados à gravidez e a transmissão das doenças sexualmente transmissíveis. Abaixo estão alguns exemplos de perguntas feitas pelos adolescentes:

“O anticoncepcional protege 100% contra uma gravidez indesejada? Protege também contra IST’S?”

“É possível engravidar antes do homem gozar?”

“Homem e mulher precisam usar camisinha na hora do ato sexual? Ou só um deles precisa?”

“Quais as formas de evitar a gravidez? O quanto que se pode confiar no uso de anticoncepcionais apenas?”

“Existe grupo de risco para se contrair AIDS?”

“Se o casal for virgem, e ter a relação sexual, do mesmo jeito pode pegar uma DST?”

“Quais são os primeiros sintomas da AIDS e em quanto tempo esses sintomas aparecem?”

Sexo anal e oral podem transmitir o vírus HIV?

Na apresentação das doenças os adolescentes ficaram “chocados” com as figuras ilustrativas, alguns viraram o rosto para não olhar as imagens, mas aos poucos, começaram a examinar as figuras o que demonstrou preocupação e interesse por parte deles.

A análise das perguntas feitas pelos alunos mostrou que eles possuem grande dificuldade para relacionar o conteúdo básico de reprodução humana com as doenças sexualmente transmissíveis. Verificou-se ainda um desconhecimento sobre os hormônios sexuais e até mesmo da função exercida pelos órgãos dos sistemas reprodutores. Um fator que deve ser analisado para explicar a deficiência de certos conceitos pelos alunos é a dificuldade em associar o conhecimento do cotidiano com o conhecimento científico. Dessa forma o educador tem o papel de mostrar ao aluno a relação entre o conhecimento científico e o do cotidiano, pois de acordo com Pinto (1997), para ensinar adolescentes é necessário que haja a transformação do conhecimento

em caso pessoal, ou seja, a vinculação entre o conteúdo proposto e a vida cotidiana do jovem.

Outro fator é a dificuldade em discutir questões que envolvem a sexualidade. Lins et al (1998) afirmam que há uma lacuna de informações pela falta da educação sexual nas principais instituições em que os adolescentes convivem; entre elas, a escola e a família. Existe um grande tabu envolvendo o tema da sexualidade, e muitos pais preferem não conversar com os filhos sobre isso. Essa dificuldade de abordar o assunto, também está presente nas escolas. Muitos professores não têm preparo para desenvolver os assuntos que envolvem a temática da sexualidade em sala de aula e preferem ignorar que a escola seja um local importante de educação para sexualidade.

[...] “existem professores que afirmam que sua tarefa exclusiva na escola consiste em ensinar certos conteúdos conceituais e não têm por que se preocupar se seus alunos escovam bem ou mal os dentes”. [...] “essa situação de desprezo às matérias transversais, às vezes torna patente um defeito no trabalho profissional dos professores” (GAVIDIA, 2002).

Diante disso, é fundamental criar um espaço para sanar as dúvidas, já que muitas vezes os adolescentes têm vergonha de perguntar aos pais ou professores, e até mesmo esses não dão condições para que os adolescentes falem por causa do tabu que foi criado sobre o assunto. Com isso, muitas vezes os jovens buscam informações em fontes pouco seguras ou incapazes de ajudá-los. Quando as pessoas, os pais e a escola se omitem, estão permitindo que esse assunto seja tratado informalmente, na rua, sem uma orientação segura. (MAISTRO, 2009)

Apesar da carência de conhecimento sobre o tema pelos adolescentes, foi observado que existe um interesse muito grande para conhecer e entender mais sobre as questões que envolvem a prática sexual. Esse é um debate que não pode ser deixado de lado já que as pessoas vivem em um meio sexualizado, onde a reflexão acerca da sexualidade natural humana é indispensável, pois esta se encontra impregnada no cotidiano (NUNES, 2000).

Abordar temas relacionados a sexualidade na escola pode ser significativo se permitir que os estudantes reflitam sobre os conhecimentos advindos de orientações anteriores, tanto do âmbito familiar, como dos outros segmentos sociais, favorecendo a compreensão, eliminando idéias equivocadas expostas muitas vezes pela mídia. A orientação sexual na escola pode contribuir na formação de estudantes, permitindo que estes possam fazer escolhas, se posicionem e procurem novas explicações (OLIVEIRA, 2009)

CONCLUSÃO

A partir deste relato de experiência pode-se afirmar que abordar a educação para sexualidade nas escolas é muito importante, pois os adolescentes apresentam carência e dificuldade sobre as questões que envolvem este tema. A inserção de um momento dedicado à educação para sexualidade nas escolas possibilita aos adolescentes refletir sobre a vivência da sexualidade de forma saudável e responsável.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A., KNOBEL M. Adolescência normal. Tradução de Suzana Maria Garagoray Ballve. 6ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1988.
- ALENCAR, Rúbia de Aguiar et al . Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru, v. 14, n. 1, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132008000100011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 01 Abr. 2012.
- ALTMANN, HELENA. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8641.pdf>>. Acesso em: 02 Abr. 2012.
- AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997. p. 87-95.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de controle das doenças sexualmente transmissíveis**. Brasília, 1997a.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. (org.) **Educação sexual**: múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL, 2009.
- GAVÍDIA, V. A Construção do Conceito de Transversalidade. In: ÁLVAES, M. N. et al. Valores e temas transversais no currículo. Porto alegre: Artmed, 2002.

LOURENCINI JÚNIOR, A. Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. In: AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997. p. 87-95.

MACHADO, M. F. A. S. et al. Integralidade, formação de saúde, educação em saúde e as propostas do SUS: uma revisão conceitual. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 335-342, 2007.

MAISTRO, V. I. A. O contexto escolar como um lugar de construção e de reflexão sobre a sexualidade. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE/ III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, Out. 2009. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1884_1033.pdf. Acesso em: 03 Abr. 2012.

NUNES, S. A. **O Corpo do Diabo: entre a cruz e a caldeirinha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

OLIVEIRA, V. L. B. Sexualidade no Contexto Contemporâneo um Desafio aos Educadores. **Educação Sexual: múltiplos temas, compromisso comum**. Londrina: UEL, 2009.

OSÓRIO, L.C. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PINTO, H. D. S. A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar. In: AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997. p. 43-51.

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. A orientação sexual na escola e os parâmetros curriculares nacionais. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação sexual**: apontamentos para uma reflexão. Araraquara: FCL/ Laboratório editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002. p. 81-96.

SEIXAS, Ana Helena. Abuso sexual na adolescência. In: SCHOR, Nélia; MOTA, Maria do Socorro F. Tabosa. CASTELO BRANCO, Viviane. (Org.). **Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas da Saúde, 1999. p. 117-135.

SOARES, Sônia Maria et al . Oficinas sobre sexualidade na adolescência: revelando vozes, desvelando olhares de estudantes do ensino médio. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, Set. 2008. Disponível em http://www.eean.ufrrj.br/revista_enf/20083/artigo%2012.pdf. Acesso em 02 Abr. 2012.

SOUSA, V. M.; CAMURÇA, A. M. Discutindo saúde sexual com adolescentes de uma escola estadual de Fortaleza – CE. Disponível em: <http://www.ses.uneb.br/.../discutindo%20saude%20sexual%20com%20adolescent> Acesso em: 28 Mar. 2012.

SOUZA, Márcia M. et al . Programa educativo sobre sexualidade e DST: relato de experiência com grupo de adolescentes. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 60, n. 1, Fev. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672007000100020&script=sci_arttext. Acesso em: 01 Abr. 2012.

VITIELLO, N. A educação sexual necessária. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 15-28, 1995.